

O SEMANARIO.

ORGÃO DOS INTERESSES PUBLICOS

Por semestre 3\$000.

EDITOR A. J. DO AMARAL SOBREIRA

Por trimestre 3\$000

ANNO VIII

TEREZINA 15 DE SETEMBRO DE 1883

N. 317

O SEMANARIO

Therézina 15 de Setembro de 1883.

Despotismo e violencia.

Chamamos a attenção de S. Exc. o Sr. presidente da provincia, e do publico em geral, para a correspondencia de Oeiras, inserta neste jornal, na qual vêm narrados os actos de violencia e despotismo praticados no dia 7 do mez passado pelo Inspector do departamento de Canindé, capitão Jeremias Pereira Nunes, contra o ex-agregado da fazenda Salinas, de nome Antonio Gabriel de Souza.

A pretexto de expulsar da referida fazenda o infeliz agregado, que n'ella já não estava havia 14 dias, o capitão Nunes, á frente de uma escolta composta de 7 praças e 2 paizanos, dirigiu-se armado de *ponto em branco* ao lugar — Situação — algumas leguas distante de Salinas, e alli pôz em cerco a casa de uma viuva, irmã do perseguido, arrancou a este do sagrado asylo em que se refugiava ao abrigo da força bruta, e depois de amarral-o, espancal-o e feril-o, (dizem) retrocedeu á sede do departamento, *vufano da victoria, que alcançara.*

Fez-se corpo de delicto, e o respectivo processo está em andamento; porém a protecção ergueu immediatamente o collo, a politica apresentou seus valiosos titulos em favor do ofensor, e parece que os esforços da autoridade terão de succumbir diante das conveniências partidarias. Si assim fór, teremos em Oeiras a anarchia de S. João do Piahy, o que será um descredito para a administração, e um mal de funestas consequências para a tranquillidade d'aquelle municipio.

A principio, os protectores do delinquente, a exemplo do q' aqui se prati-

cou não ha muito tempo, lembrarão-se de chamar *furço* o attentado da — Situação —, mas depois, vendo que as circumstancias erão inteiramente dessemelhantes, e não se prestavam ao desejado intento, mudarão de tactica, e eil-os mettendo em processo, por crimes imaginarios, a victima sacrificada aos odios da familia Nunes.

O juiz do direito de Oeiras, Dr. Guarani, passa por magistrado honesto, inaccessivel aos empenhos; todavia não faz mal que S. Exc., o Sr. Dr. Torquato, seguindo n'esta parte as pegadas de alguns de seus predecessores, conforte a acção da justiça, recommendando ás autoridades de Oeiras a maior firmeza e toda vigilancia possivel na repressão do crime do Inspector.

Esta providencia cabe nas attribuições de S. Exc. e de modo algum invade as do poder judiciario.

Esprememos.

Oeiras, 12 de Agosto de 1883.

Despotismo e violencia

Em todo o imperio não ha de certo uma provincia aonde, como n'esta, tenham sido os representantes officiaes da presente situação tão forte e acerbamente verberados pela imprensa e pela voz publica.

Essa força e essa acrimonia, parecendo aqui e ali excederem os limites que a civilidade e a decencia marcam á censura bem intencionada, seriam talvez capazes de tentar qualquer espirito estranho aos nossos negocios a acreditar que entre nós as autoridades conjuram contra a justiça da lei ou que toda essa população conspira contra o credito das autoridades.

Não serei eu quem decida a questão.

Os homens são, em geral, não somente accessiveis as paixões, como

ate escravos seus; e d'aqui o conselho de prudencia que nos induz a suspender o juizo sobre informações suspeitas áfim de não sermos induzidos, em alguns casos, á attribuir á victima o proprio moel que arma os ag'ozes.

Não tenho pretensão á inspeção na pendencia que extrema nesta provincia os agentes do poder e os directores da opposição, nem careço de dizer que sou por esta a muitos respeitos. Também não pretendo ser crido a favor de *palavra honrada*; e quando pudesse, não empregaria, para obter semelhante resultado, os preceitos da logica ou os recursos da eloquencia. Tudo isto nem sempre basta para prevenir a deficiencia da intelligencia humana e as subtilidades do sophisma; em todo caso, a luz de um exemplo e a evidencia de facto são preferiveis, até porque não podem ser acimados de malicia.

Estou por isto; e para chamar a publica execração sobre o acto mais despotico, mais violento e mais revoltante de quantos nesta provincia se tem praticado contra as nossas prerogativas civicas nos ultimos tempos, eu me limitarei á simplesmente expol-o:

No dia 7 deste mez Antonio Gabriel de Souza foi em casa de uma sua irman viuva, sita na fazenda Formiga, de nome — situação —, cercado por uma escolta de sete praças e mais dous paizanos, tendo a sua frente o capitão Jeremias Augusto Pereira Nunes, Inspector do departamento de Canindé e em seguida espancado, ferido e amarrado.

A victima, em presença da inferioridade de sua posição á do potentado official que a agrediu, desconfiou de que a espada da justiça só para seu lado havia de cortar; e não queria queixar-se — como se um pre-enti-

mento a advertisse da combinação d'algum plano d'ante mão delineado para perdê-la! (Já lá se vão os tempos em que até os mo'iros de Sans — Saucie ouzavam appellar da prepotencia regia para a recitidão dos tribunaes !...).

Menos descrente que elle, um visinho o decidiu a tentar uma reparação por meios legais, e elle assim o fez.

Os signaes do delicto foram já reconhecidos por peritos profissionaes; e o respectivo processo vai provavelmente seguir os seus tramites. O mais que houver... não é de miõha conta; todavia direi sempre que a integridade do Dr. Guarani não é para acorçoar criminosos.

Eis o facto com as suas immediatas circumstancias.

Não sei como o qualificam as autoridades de Oeiras, muito menos como hão de qualificar-o as autoridades superiores d'essa capital, que de l'os mandam o *santo* e o *senha*; podem affirmo que o nosso pequeno publico e especialmente o povinho de fora estão agastadissimos e de modo algum dispostos a repetir a saudação aviltante dos aviltados supplicios da Roma degradada aos Cosares oppressores. Realmente tudo indica que esta velha cidade, aonde palpita o coração do Piahy, e que resistiu aos Parnahyba e Rio Pardo não poderá jamais resignar-se a supportar uma tyrannia que treme diante da responsabilidade de seus proprios actos.

As pessoas mais sensatas, os homens de mais peso do municipio — sem distincção de cor politica — são unanimes em condemnar esse acto attentatorio de nossas garantias sociaes. Todos reconhecem que aqui não se tracta de Antonio Gabriel nem de Jeremias Nunes — sim de um abuso de força que se deve punir, áfim

FOLHETIM

Transumptos por antithese

Ja lá se foram os tempos de *vida, paz e gloria*..... em que

« Não conheciam sangue annas da historia ».

« Debalde chorou esse tempo aquelle que

« Quiz um Edem melhor, outra harmonia. »

« Perdou a paz; e se por ventura houve depois alguém que d'ella gozasse foi *in a varitudine amarissima.*

« Verdade é que as divindades do Paruaso m' troza de paz prometteram ouro; verdade é tambem que a munificencia imperial fez o milagre de persuadir pastores a dizer:

« Deus hec nobis otia fecit. »

« Mas, qual? !... tudo mentira: a *idade de ouro* esvaia-se com os sonhos dos poetas; e se paz ao mundo deu por ventura allem Cesar foi somente áquelle cuja bem-aventurança não transcendia o sabor do

velho falerno; e que, digissimos discipulos do Epicuro, paubam á peito professor que —

« Gratum et decorum est die festo furere »

« Hoje já não ha *Adões* que suppliciem piedade, nem *Jeremias* que prantem sobre as ruinas da patria, guardando as mais ricas alfaias do templo do Senhor: no novo Edem (Canindé) os que mais *allo voam* não *cahem da altura*, nem houve jamais alguém que —

« Réo e pobre comparecesse ante o seus Deus. »

« Vestaes sem macula, qual foi aquelle que —

« Tremeu, corou, curvou-se aos olhos seus? »

« Potentados sem *feudo* ou autoridades sem titulo de *Jeremias* não se lamentam — fazem chorar!... até mesmo áquelles que, perdidas *groças* e *amores*, pensando com certo phisosopho que a *patria é aonde se vive feliz.*

« Pela terra infecunda nua e fida.

« Cavava o negro pão de cada dia.

« Em promessas de *Musas* já não ha quem creia; e agora o que os *Poetas* dizem é que —

« Triunpha o crime do ludibrio ao pé! »

« Não que elles neguem a existencia de ouro nesta idade; mas protestam, todos que os *Jupiter* — Tonantes que mandam chuva do precioso metal são *papezinhos tão b'beraes* para os *Mecenas* favorecidos, como perseguidores cruéis para os *Melibeus* desgraçados, de sorte que duvido muito q' haja jamais quem se arrisque a cantar em *Elogio*:

« Deus hec nobis otia fecit. »

« Já lá se foram os tempos em q' os *Pagés* brejeiros (do Brejo) se entretinham em querer e não querir mandar e desmandar; e reduziam todo o *da* administração á um esmerado expediente de secretaria. Tudo isto foi-se com a demissão pedida e com a gastamento aceita.

« Agora é outra cousa... »

« Chorai, amores »
« Que Igaciz morreu! »

« Salomão apertava com correias, aboço — com correntes; mas houve um *Jerobeão* que ouzou subir dez tribus á despotica arrogancia regia. Em Oeiras tambem pôde haver alguém *liberal* bastante livre e nobre para recusar *incenso* ao *grande architecto* d'esta egrejinha liberalisca; e então á esta *peça* dos *Bulamaques*, *Ferraz* e *Brandões* — que já foi tão grande e forte — talvez não queira Deus

« Nem a memoria de epitaphio dar! »

« Com effeito, em relação á muitos o nome já não dá a conhecer a cousa (*Suino*, *cabano*, *curimatá*, *pagé*, &); e, se a *Imprensa* fór-se avesando á *moda* de revirar os typos.

« Nem uma letra de banal prestigio — indicará na Historia a passagem de tantos personagens grotescos pelo zenith de *no* horizonte poínico. E quando o indagador de nossa vida no tempo buscar no passado um traço que recorde ao menos as honras do cargo que *desempenharam* os ditos regedores do nosso destino, hade ser forçado a dizer, scismando:

« Nem um vestigio do que ali morreu! »

« Não é pois de admirar que por ahí se

de que não possa ser lembrado pela historia como um precedente que autorize a revolta contra a autoridade legitima.

E cada um pergunta: « que crime commetteo Antonio Gabriel?—havia contra elle alguma ordem de prisão ou ao menos alguma queixa em juizo? —Estaria elle ainda, se quer, em terras de salinas?—Será o capitão Jeremias algum funcionario publico competente para semelhantes diligencias? Não, nada disto absolutamente. respondem todos, sem exceptuar a propria promotoria ».

E de mais!

E diante desta resposta que desmascara a prepotencia d'atorial que nos rege, a indignação nos decerra os latidos e nos impelle a bradar: *a nossa liberdade, a nossa honra, a nossa vida estão em perigo!*

As monstruosidades d'spertam sempre a curiosidade, não somente dos envidiosos, como até dos amadores: um caso teratologico aguçá o espirito investigador do naturalista; as perturbações sociais da Europa desafiavam o genio penetrante de Littré, &c. Que muito é que tão descommunal investida contra aquillo que mais prezamos—a vida—nos induza a investigar-lhe as causas?

E' o que vamos fazer.

—O capitão Jeremias, desde muito tempo se havia declarado perseguidor ostensivo de Antonio Gabriel, já em um processo mallogado instaurado contra este pelo vaqueiro de Salinas, já ultimamente na festividade havida no Brejo de S. Ignacio, aonde, diante de diversas pessoas irrompeu em ameaças reprovadas por uma das presentes que as qualificava de *violentas e illegaes*. Pouco antes havia elle externado-se na fazenda de Sacco e em termos capazes de convencer a qualquer ingenuo de que pela *esperanza* de Tuna (appellido do espancado) em mudar-se logo das terras nacionaes, sentia *quelque chose lá*.

Confronte-se esta declaração com aquella de que foram testemunhas posteriormente alguns convivas do Brejo, e se tornará bem claro os dous pontos capitales na prova do crime: 1.º que Tuna já não estava em terras nacionaes e que portanto a portaria da presidencia era já caduca por falta de razão de ser; 2.º que a premeditação foi denunciada pelo proprio deliquente perante pessoas insuspeitas e com a circumstancia já relatada de reprovção por parte de uma d'estas, &c.

dísse que os Pereira Nunes não devingar o Sr. de Paranaguá.

A Tuna—Jeremiada vai andando o seu caminho: —nos dizem—corpo de deus, queixa, processo &c.—tudo vai por diante; e o resto... como fór Deus servido.

E' o thema das discussões do dia em Oeiras.

—Das lembranças de que Pedro declarou ter grande inclinação para arbitrariedades.

—Ouviros cochicham que Paulo ainda achou pouco.

—Outros affirmam que Sancho protestara que se fosse elle teria mandado atirar Tuna amarrado á porta de seus protectores.

—Outros, finalmente, arrematam tudo com a sentença do Martinho que condemnou todos ás penas de *carniça de urubú* (cavallos mortos) &c.

Assim vão correndo as cousas...

« Em engano d'alma ledo e cego »

—embora aquelles que ainda se lembram dos detoncos Virgilio, Curral-velho, Salino e Cabano abanem a cabeça como entediados na mestrança da vida e passem *gonçarando*; este pau tem formigu. &c. bana-

—Tuna havia sido recentemente aggregado da fazenda Salinas—á pedido de amigos e a despeito de inimigos seus, e nada indicava a eventualidade de ser elle tão inopinadamente expulso—maxime com semilhante apparato de força, não tendo elle jámais praticado acto algum de desordem ou violencia. Mas eis que vai á Theresina o tenente coronel José Martins, cunhado do actual presidente Dr. Firmino e vaqueiro *victalidado* da fazenda—Castello—amigo do peito de Nunes, e Mashallos, e que, segundo dizem, protestava pelo desterro desse *linguardu* de sua vizinhança, &c.—e com elle chega da capital a tal portaria certamente digna dos tempos colonias!

Um certo Lupericio escreveu certa carta por de mais depressiva do caracter de Tuna; com ella fez-se jogo, ouvi dizer, e o Inspector da Thesouraria, tendo aliás recommendação do governo geral para conservar os aggregados das fazendas nacionaes, desagregou a esta, sem outro motivo conhecido que pudesse justificar semilhante desaccordo de procedimento com as justicções do governo geral—alem do odio velho que ali fica denunciado *ou por ventura alguma exigencia da autoridade superior*.

Isto é o que se diz por abi, não garantido de muita parte; mas que o tenente-coronel José Martins conserva tal carta de Lupericio como um talisman que o innocente de qualquer explosão de sua ogeria ao proscripto em questão—é verdade. Resta saber se esta carta pode ter tal virtude, e se a presidencia, sem mais preambulo, devera sobre ella *resolver* e a thesouraria *executar* com tão descommunal ostentação.—e, sobre tudo, se o Inspector do Canindé podia fazer o escandaloso estardalho, fora das attribuições de uma e de outra—até violando domicilios?—Penetrando mais fundo na indagação de causas, encontra-se na delegacia de policia d'esta cidade uma portaria da presidencia ordenando *directamente* que fossem postos á disposição do Inspector do Canindé os soldados que este requisitasse para a expulsão do aggregado Antonio Gabriel da fazenda Salinas!

Ouvi dizer que é de praxe, se não de lei, que semelhantes prevenções ás delegacias sejam feitas pelas cheffuras de policia, e haem me parece que assim deverá ser; porque não se pôde quasi deixar de pensar que um presidente de provincia, para fazer baixar semelhantes portarias, sente

neiras que ja deram o cacho... não ha serie sem azarés.

Não sei: são vozes... Veremos as nozes.

E' possivel que cheguemos a dizer em breve:

«Mas eis que chega a hora do assignalado termo.»

Porém, de minha parte duvido muito, porque em scripto: *vosso é o mundo e o poder das trevas*. E foi em trevas que tudo isto... que espanta, envergonha e revoltá Oeiras se conspira e resolve—justifica se faça aos mais nobres representantes d'ideia liberal d'aquelle municipio. Estes ignoravam os segredos das Salinas; não sabiam do *santo* e do *culpa* passados á *patruilha policia* em mata das cousas de Salinas—tão *paranaguá* de seu transcendente zelo que não se desprezou, como parece horrificar-se (!) de toda intervenção judiciaria em taes negocios!!!

A relação do facto já é *injuria*, o espancamento é *farça*, e as queixas—*calumnia!*

Paciencia, desterrados!
Resignação, filhos meus!

necessidade imperiosa de descer da sua posição.

Esta desproporção entre o poderoso e illustre Sr. Dr. Firmino Martins e o fraco e obscuro Antonio Gabriel lem dado logar á commentarios no sentido de conceder á S. Exc. importantissima parte na heroica proeza da Situação (lugar). Não sou competente para validar ou destruir a suspeita; quem quizer decidir sobre este ponto tome nota das *pequenas* cousas que abi ficam relatadas; afira o presente pelo passado; faça todos esses confrontos, sem desprezar a *fé de officio* de cada um dos indignados ou suspeitos auctores—directos e indirectos ou *immuniados*—que, se quizer ser justo e criterioso, et estarei por sua decisão. O que eu não quero é decidir por mim, pois que já me dei por suspeito, na qualidade de franco opposicionista da presente situação politica.

Se esta é a liberdade que nos prometteis, nós a resignamos em favor de vossos filhos, elles que a destructem, com *pleno direito*; pois que é justissimo que filhos de tyrannos nunca passem de *vis* escravos.

A justiça de Deus é assim...!

X.

REVISTA DO ESTRANGEIRO

Correspondencia Europea.

Paris, 23 de Julho de 1883.

A despeito do ruído das festas publicas dos ultimos dias e do barulho das luctas parlamentares, o publico ainda prestou sympathica attenção á pessoa do grande chimico, o Sr. Pasteur. A Camara acaba de votar-lhe uma pensão de 25.000 francos, que será paga, depois da morte d'elle, á viuva e aos filhos do grande sabio. No departamento do Jura, em Arbois e em Dôle, as populações festejaram o seu illustre conterraneo. Em Dôle, teve logar a collocação de uma apide commemorativa na casa em que nasceu o Sr. Pasteur. Em Arbois, os professores e alumnos do collegio em que elle estudou, incorporaram-se para ir dar-lhe os parabens. A todos respondeu o Sr. Pasteur em linguagem singela e commovida. Dirigido-se á multidão que acudira para applaudilo e que se apinhava á porta da casa, agradeceu-lhe espontaneas manifestações de affecto, e ao mesmo tempo mostrou-lhe perpeuos e viveis são os seus sentimentos de piedade filial. Este trecho do seu discurso merece ser citado textualmente: «A manifestação que fizeis, disse elle, é uma verdadeira manifestação democratica. Saudis o ponto de partida e o ponto de chegada. Estais festejando um filho de um simples carpinteiro de pelus, que conseguiu ser o que é a força de trabalho! Mas tambem deveis lembrar-vos d'aquelle que, carregado de familia, não recuou perante os maiores sacrificios, afim de dar a seus filhos instrucção boa e completa. A memoria de meu pai, directos compatriotas, deve presidir a esta festa.» Não coheço coiza alguma mais commovente do que a expressão desses sentimentos. Em todas as classes da sociedade, assim como na imprensa, tem havido unanimida-

de em approvar altamente a recompensa nacional conferida pela segunda vez ao Sr. Pasteur. Ninguém deseja ver multiplicarem-se as recompensas, que assim deixariam de ter valor moral; mas sentem todos que a gratidão do paiz para com varões dessa ordem seria ainda peor do que o abuso das pensões. Cumpria confessar, com effeito, que os serviços prestados á França pelo o insigne sabio são verdadeiramente relevantes e que era justo que a recompensa fosse pautada pela grandeza desses serviços. O Sr. Pasteur operou na sciencia uma revolução e descobriu um mundo. Foi elle quem penetrou em todos os mysterios da vida dos microbios, e quem achou meios de conservar a cerveja e outras bebidas fermentadas, livrando tambem, o gado da terrivel molestia do carbunculo. Neste momento está elle estudando o microbio rabibico para dar cabo da hydroptobia. Depois, estudará os microbios do typho e da cholera. Essas terriveis molestias, que a sciencia medica ainda não conseguiu curar de um modo satisfactorio, talvez se tornem inoffensivas em consequencia das suas laboriosas experiencias e das suas engenhosas pesquisas medicas. E' para crer que mais uma vez o illustre sabio saia vencedor das novas luctas empreendidas contra os invisiveis e numerosos inimigos do homem e dos animaes.

Parecia, pois, que os resultados obtidos e os que é heito esperar deviam impor silencio á inveja e a mediocridade. Assim não aconteceu. Quem ha de acreditar no? Apareceram na Camara tres illustre descobridores, tres individuos pretenciosos, dois dos quaes são totalmente obscuros, não possuindo o terceiro nenhum prestigio pessoal, para protestar contra a pensão concedida ao Sr. Pasteur. Chamam-se esses tres deputados Michou, Vernhes e Benjamin Raspail. Pretendem esses tres sabios de agudice que o Sr. Pasteur não fez mais do que appropriar-se de descobertas feitas por elles! Mas essa mesma injustiça deu azo ao Sr. Paulo Bert, professor do Collegio de França, para subir a tribuna, e revelar um facto que muita boora o Sr. Pasteur.

Quando este sabio descobriu os meios de curar o gado do Carbunculo, e, portanto, de salvar milhares de animaes de morte infallivel, um industrial foi ter com elle, e disse-lhe:—Venda-me o seu segredo. Dou-lhe um milhão de francos de contado, e uma parte nos lucros.

O Sr. Pasteur é pai de familia. Hesitou. Mas por fim, respondeu ao financeiro.—« Não aceito. As minhas descobertas pertencem a nação inteira. Amanhã, publico o meu segredo.» E assim fez. Tal rasgo de abnegação não commoveo os tres deputados já citados. Um d'elles o Dr. Vernhes (ja alguma ouvia falar algum dia das causas de seu doutor?) sustentou que havia feito tres descobertas desde 1873, e que a Academia de Medicina negou-se a examinal-as. Outro, como o Sr. B. Raspail, que nunca fez cousa alguma e que enriqueceu com a camphora vendida pelo pai, accusou ao Dr. Pasteur de enriquecer com os lucros que aufera de suas descobertas. E' triste na verdade ser um sabio universalmente applaudido e estar exposto aos dentes de trez illustrações de tal ordem.

Variedades.

Retratos á Penna.

Os pobres da algebeira

eu.

Ha pobreza de alma, de intelligencia e de espirito.

Porem ha uma pobreza superior a todas as pobrezaas.

A pobreza da algebeira.

Um homem com a algebeira vasia não é homem.

E' um ente, um abortó da natureza.

Não é deste mundo, nem de outro.

E' de um mundo inteiramente desconhecido; como se dissessemos um habitante de Marte ou de Jupiter.

O homem da algebeira magra não tem amigos, parentes, nem mulher.

Porque a mulher actualmente não ama o pobre.

O amor do pobre não é fogoso, não é recompensado.

Assim o pobre está sempre de dieta.

Dieta do estomago.

Dieta da algebeira.

Dieta de amor.

Dieta da roupa.

E' um verdadeiro faminto, porem não um faminto vulgar, e sim um faminto de tudo e por tudo.

O pobre ha de ser insensivel ás enfermidades, ao frio; ao calor; ás affeições, e sobre tudo ao estomago.

Para o que não tem um real, nem onde buscar-o, tudo lhe é vedado.

Tudo o mundo se considera com direito de avital-o e menosprezar-o.

O seu vestuario, preto em geral, é uma encyclopedia.

Qualquer qualidade boa é um anachronismo.

Para o homem pobre, os dias succedem aos dias e aos mezes, sem a menor alteração.

Para elle não muda a estação.

O almanacke lhe é inutil.

O « pobre decente » é o ente mais pobre entre todos os pobres.

Eu pertenço por desgraça a esse gremio.

Por pobre já não vivo.

O meu estomago está como pollo de tambor.

O meu rosto esqualido.

Para não um vento leve não me arrebate e qual outro Elias não desapareça da terra, trago em cada algebeira um contrapeso.

Pedras? não.

Maço de contas para pagar, cartas de ordem sem pagamento, notas estatísticas de estrada de ferro, de escollas de mendigos, & c.

Sou o verdadeiro retrato, « effigie viva » de um empregado a quem não lhe pagão os ordenados.

Qual outro Jeremias me lamento e digo:

Perigo a salvação da patria, e por sacrificio impõe-se-me o não ter um real?

O enorme « deficit do orçamento ao menos diminuirá se o meu estomago estiver vazio?

E' inteiramente indispensavel que minhas tripas estejam em completa revolução para que a ordem publica não se altere?

Para que os outros credores do Estado cobrem os seus creditos condemnem-se-me a estar sem um real?

Porque eu não gasto um real, pela razão de não tel-o, toma-se a mim como uma medida económica?

A minha crise metallica ha de re-

mediar a crise que sobre a provincia pesa e pesará todo o anno?

Para que o colera não nos invade toma-se-me como meio hygienico?

Morro de fome canina, de fome « fulminante ».

Nem depois de morto servirei para nada.

Porque n'am composto de ossos e pelle não se pode fazer autopsia.

Nem para estudos anatomicos serve o hom-em pobre.

O homem sem dinheiro é o espectáculo mais lamentavel.

E' um pleonasmio humano:

E' a paralyisa da vontade, porque não pode tel-a.

E' um modelo de injustiça constitucional, porque não goza dos direitos que as leis concedem ao cidadão.

E' a cantherida do proximo.

E' o sinuismo dos amigos.

E' o catalogo das necessidades humanas.

E' uma carabina sem fechos.

Tudo isto e muito mais é o « pobre decente ».

Tudo e muito mais «son eu Fome e Dinheiro, » eis a incognita de minha equação

Um real e o mundo é meu.

Quem mol-o-da?

(Extr.)

SECÇÃO LIVRE

Braz Martini e seus algoses.

Romance historico da mentiras e calumnia.

Tem-se occupado a « Epoca » nos editoriaes dos n.ºs 268 e 270 com os humildes nomes de meu venerando pae e irmão, denunciando-os ao paiz, como algoses de um italiano de nome Braz Martini, que a este grande Imperio veio estabelecer-se com a profissão de cavalheiro de industria, apresentando-os ao mesmo tempo como homens de más entranhas, finalmente, como terror da villa de S. Philomena atirando sobre elles os mais negentos epithetos.

Cumprindo dois deveres sagrados que me são impostos, já pola moral, já pela sociedade, não posso deixar de vir do alto da Imprensa protestar contra aquella clamorosa calumnia de que forão victimas duas personagens, que me são, verdadeiramente, charos.

O odio a inveja a lama a putridão já contramimão varios corpos sociaes que a acreditar-se em contos como este, seria um crime.

A apaixonada relação do jornal « Epoca » composta de vultos salientes do partido conservador adversarios politicos de meu pae e irmão pintou o quadro com cores muito vivas de sorte que o inutilisou já pintando Braz Martini tão innocente como uma criança já pintando meu pae e meu irmão como homens de entranhas mais perversas, que se pode imaginar.

« De processos não faço conta pois os tenho acerca de trinta. »

E' este o retrato fiel de Braz Martini.

No segundo caso que o dição os habitantes da villa de S. Philomena, aquelles que os conhecem, e que com elles convivem; dição finalmente as conceituadas relações da « Imprensa » e « Telephone, » as quaes tratando do facto dizem o seguinte:

« Os factos mais insignificantes são exaggerados e ardilosamente aproveitados; os incidentes de menor monta tomam vulto quando a « Epoca » quer manchar a reputação d'aquelles que não commungam as suas idéas, ao mesmo tempo que á seus olhos nada tem valor quando procura defender a seus correligionarios. E' a isto que a « Epoca » chama fazer politica: — insultar e diffamar o adversario mesmo de caracter mais nobre sob qualquer pretexto, e innoventar o amigo embora criminoso, ainda que para isto seja preciso, criar factos, immaginar um romance, mentir em fim com cynismo.

Eis o estado á que está reduzido o jornal da opposição. Não perdem vasa os nossos adversarios, aproveitam todos os pretextos; de tudo se servem; lançam mão de todos os meios; esgrimem todas armas, já adulterando os factos mais simples e já criando outros, que nunca se deram. São intolerantes, intransigentes, terriveis e cruéis; não nos poupam, nem nos dão quartel, atacam-nos por todas as modas, sem nenhum respeito á honra, a moral e bons costumes; servindo-se até da infamia e da calumnia. . .

Desta vez a victima escolhida para saciar a gana de nossos sanhudos adversarios foi um vulto venerando, cheio de prestigio, coberto de cans, ornado pelas laureis da virtude, amado e respeitado por quantos o conhecem, reverenciado geralmente por ser o typo dos antigos patriarchas, assentando sua influencia, não no temor que poderia inspirar por sua alta posição, mas na bondade e mansidão personificadas, tendo sempre um agrado e um bom conselho á dispensar aos que o procuram.

Sempre affavel, sempre com os rizo nos labios e a doçura no ecção, prompto sempre a amparar os desvalidos e proteger aos pequenos, pelo que viva feliz cercado só de affeições e coberto das benções da pobreza, que o considera como seu verdadeiro pae, e por isso é sempre procura do vor todos como apasignador e bom conselheiro em todas as pendencias e pequenas contendas da localidade, onde mora.

Este acção respeitavel o respeito do por tantos e de tão elevados titulos é o Sr. coronel José Lustosa da Cunha, a quem a « Epoca » procura manchar, querendo fazer acreditar que tem elle as entranhas de fera, que é capaz dos mais abominaveis crimes, sendo o terror da comarca de S. Philomena.

— O coronel Lustosa, que conta mais de cincoenta annos, e cuja vida publica e particular tem sido pautada pela norma da mais severa conducta, tem atravessado esse longo periodo, sem que se tenha ousado attribuir-lhe um facto desairoso, que lhe possa grandear a bem firmada reputação, de que goza entre os seus concidadãos.

Estava isso reservado a seus inimi-

gos politicos, que mais desejão ferir e prejudicar a seu venerando irmão — Vice-marche de Paranaguá, do que a sua propria pessoa.

Nascido, e criado na comarca de Paranaguá, cuja vida é de todos conhecida, nunca o despeito dos seus adversarios levantou uma censura justa contra a pratica d'um acto mau e reprovado, do referido Sr. coronel Lustosa. Hoje, porem, a questão do Italiano Braz, que tem sido explorada, offerece ensejo para que seja pintado como assassino e roubaador da vida e fortuna colossa do innocente Braz!

Peo que fica dito poderá o leitor fazer o juizo que lhe convier a respeito dos carateres de meu Pae e irmão, ficando assim bem clara a verdade, e respondido este ponto.

Ter sido meu pae e irmão causa dos esbanjamentos da fortuna de Braz Martini é uma mentira da « Epoca » ou da pessoa que a informou, pois, meu pae e irmão n'uma forão procuradores nem tão pouco tutores de Braz Martini e a bem de minha dignidade offendida pelos Srs. da « Epoca » peço que voltem para o seu passado e coram. . .

Quanto ao ponto que diz a « Epoca » ter meu mano Leopoldo enamorado-se de Maria Ramunda, mandando seduzil-a para abandonar a Braz Martini, é uma farsa, pois, achando-se elle no « exílio » — Agóia Balli — soffrendo dos olhos seria impossivel representando ao mesmo tempo este papel em S. Philomena, tanto mais quando os seus precedentes não autorisáo um tal juizo a seu respeito.

Desculpa, porem a « Epoca » pois isto foi mais um traço que ella deo para aperfeçoar o seu quadro.

Tudo é assim!

O tempora! O mores!

Narrar um facto como este de que se tem occupado a Imprensa d'esta Provincia seria por demais abusar da benevolencia dos leitores, com tudo publico abaixo diversos documentos importantes d'aquella localidade, os quaes já forão publicados na « Imprensa ».

Terminando aqui devolve em nome da virtude e da honradez offendidas os nojentos insultos que a meu charo Pae e irmão forão atirados pelos Srs. da « Epoca ».

Publica Sr. Redactor estas linhas pelas quaes me responsabiliso na forma da lei.

Theresina, 12 de Setembro de 1883.

Jesuíno Lustosa.

(Estudante de preparatorios.)

Nos crmos.

A' J. Castello Branco.

Nos crmos sosinho, nas matas umbrosas, Carpi tristes éras, saudades de amores, E abrisa gemendo nos altos arvoredos; Trazia os segredos — segredos das flores!

Abrisa gemia, os campos brincavão, Então n'um lethargo sonhava com flor; E abrisa gemendo nos altos arvoredos, Trazia os segredos ao pobre cantor!

As aves trinavão, —louvavão ao senhor N'um canto repleto de meiga magia; E eu dormitava n'um sonho de ouro, Nas azas vibrantes de grata harmonia.

Então n'este instante contigo sonhava Tão cheia de cores d'amor e poesia. . . Te via sentada n'um quadro emblematico Tão meiga gentil, e de amor tu sorrisias!

E foi n'esta quadra tão terna e saudosa,
Qu'inh'alma então casta a lyra empunhou
Depois despertando d'um sonho de rosa
Não vi-se criança... fugio... apagou!

5-1-83.

J. Lustosa.

Soneto.

Charitas.

Era um archaço em forma de menina,
Bella visão de Deus humanizada,
Como a flor á manhã desabrochada
Por entre espesso manto de neblina.

No silencio de pobre agua-furtada
Nascera Nem sequer um raio ameno
Bafejava-lhe o rosto tão sereno,
Como o céu festiva da madrugada.

Uma velha mendiga certo dia,
Uma e-mola com voz chorosa implora,
Estendendo-lhe a dextra magra e fria.

Mas ella que, talvez, n'aquella hora,
Tão pobre nem sequer tinha um ceñil,
Vela nas mãos o rosto é quasi chora.

W

A mocidade.

A flor mimosa que vegeta nos pra-
dos, o branco lírio que entre-abre o
seio aos almos sorrisos d'alvorada,
depressa pende a corolla emmurche-
cida para confundir-se no pó.

Assim a phalena que rompe o dou-
rado casulo em meio d'uma veiga es-
meraldina, colhe bem cedo ainda as
azas multicores para entregar-se ao
sopro ardente das fúfadas do sul.

A mocidade, porém, brilhante co-
mo o lírio dos vales ou como a bor-
boleta campestre, jámais sentirá des-
folhar-se uma á uma as rosas que
circundam sua fronte deromeira.

Os seculos passam-se, seguindo a
serie de revoluções ou de conquistas;
e através do tempo, acompanhando
as lutas da liberdade e do direito,
perpassa a viandante eterna com a-
faces meigamente esclarecida pelo va-
go alvor das esperanças.

No pó da bonina existe o ger-
men de mil flores,—da loura sub-
stancia do insecto gera-se talvez nas
dobras de um mysterio a nítida fa-
gulla do pyritampo nocturno; mas
na mocidade existe a vida—tal como
é libada nos labios rosadas da don-
zella, ou na luz duvidosa da manhã.

A poesia antiga descobriu a phenix
a renascer das proprias cinzas.

A Grecia, inda talvez gelada pel-
deluvio, concebêra na brilhante ple-
nitudo do juizo o conhecimento mais
completo da verdade.

O mytho despiu as fúfadas que re-
cebera no berço e a ave fabulosa me-
tamorphoseou-se na lutadora dos
tempos—a phenix era a idealização da
mocidade.

Desde esse momento se havia re-
conhecido o poder augusto do pensa-
mento meio enfrontado nas nevoas
gracianas da primeira idade: o craneo
fecundo do mancho era a synthese
das glorias do passado, o penhor das
conquistas do porvir.

Fabio Costa

CHRONICA SEMANAL

Actos effelacs—Do governo
da provincia.

Dia 10

Por acto desta data foi nomea-
do o capitão José Ignacio Madei-

ra Brandão, para o cargo de 3.º sup-
plente do juiz municipal do termo da
cidade da Parnahyba, em lugar de
Felippe Gomes Neves, que não pres-
tou juramento no prazo legal.

Na mesma data concedeu-se ao
tenente coronel João José Pinheiro,
30 dias de licença com ordenado pa-
ra tratar de sua saude onde lhe con-
vier.

Na referida data nomeou-se o ci-
dadão Manoel da Cunha Machado, pa-
ra o cargo de 2.º suplente do sub-
delegado de policia do 2.º districto
do termo desta capital.

Dia 12

Nesta data convocou-se extra-
ordinariamente, por 20 dias, a As-
sembléa Legislativa Provincial pa-
ra o dia 5 de Novembro proximo vin-
doiro, afim de serem vetadas as leis
de fixação de força e do orçamento
da provincia que devem vigorar no
corrente exercicio.

ANNUNCIOS

—João de Freitas e Silva, e José
Camillo de Freitas e Silva, irmãos,
negociantes estabelecidos nesta villa
de Peripiry, tendo em dacta de 16
do mez proximo passado dissolvido
amigavelmente a Sociedade commer-
cial que aqui tinham egrava sob afir-
ma social de—Freitas & Irmão,—
ficando a cargo do socio João de Frei-
tas e Silva, todo o activo passivo da
extincta firma e o socio José Camillo
desobrigado de toda e qualquer res-
ponsabilidade commercial da mesma
firma por ter feito naquella data pa-
gamento, em gados, do abance em
que se achava para com a mesma con-
forte consta dos livros respectivos e
balanço geral então feixado, e tendo
hoje concluido a respectiva liquidação
nesta villa isto mesmo fazem sciente
ao respeitavel publico ao corpo com-
mercial, não só desta mesma villa,
como tambem da praça da Parnahyba
onde exercião suas transações com-
merciaes, e tem ainda diversos credi-
tores a extincta firma e por enjas divi-
das fica exclusivamente responsavel
o socio João de Freitas Silva.
Peripiry 5 de agosto de 1883.

João de Freitas e Silva
José Camillo de Freitas e Silva.

—João de Freitas e Silva,
ex-socio da extincta firma—Freitas
& Irmão, havendo por occasião da dis-
solução amigavel da mesma socie-
dade em 16 do mez p. passado fica-
do com o activo e passivo da mesma
firma, e responsavel pelas dividas,
passivas da sociedade, tendo—então
se retirado o socio José Camillo de
Freitas e Silva quites com a mesma
casa, por ter pago, em gados o al-
cance em que com ella se achava isso
mesmo yem declarar ao publico em
geral e a seus credores e devedores
—em particular, declarando que con-
tinua com a mesma casa de comer-
cio sob sua propria firma de João de
Freitas e Silva.
Peripiry, 5 de agosto de 1883.

João de Freitas e Silva

Egido Gonçalves Pedreira, declara
que tem gados de toda sorte para
vender em suas fazendas Lagoa Gran-
de, Tamandó e Flores, quem pre-

tender dirija-se a caza de sua rezi-
dencia na rua grande n. 14.
Theresina, 31 de agosto de 1883.

**No Engenho d'a-
gua vende-se aguar-
dente de superior
qualidade a 150 reis
o litro.**

SELLA

De montaria para senhora; n'esta
typographia se diz quem tem
uma em bom estado para vender,
por modico preço.
Ther. sina, 15 de Setembro de 1883.

**D. Rosa Cesar de
Paiva e Silva tem
para vender no mu-
nicipio de Valenca,
uma fazenda deno-
minada Tabua, com
cerca de 400 rezes,
boa casa de vivenda,
terras, curraes, cer-
cado, açude; bem
como diversas posses
de terras na fazenda
— Melgueiras,— do
mesmo municipio,
muito proprias para
criação.**

**Quem pretender
dita fazendas e ter-
ras, dirija-se a an-
nunciante nesta ca-
pital, a rua do Barro-
SO.**

**Theresina, 23 de
agosto de 1883.**

**Boza Cesar de
Paiva e Silva.**

Atenção

Para a casa de Raymundo Antonio
Morgues, chegon:
Cazemira diagonal preta de duas
larguras e de bom gosto.
Mirinó preto muito bom e largo.
Cazemira setim de superior quali-
dade.
Lostrim finissimo.
Chocolate novo e de muito bõe
qualidade.
Charutos finos da Bahia.
Cigarros amarellos fresquinhos e
da melhor qualidade.

Ditos brancos.
Rapê Princeza da Bahia.
Tiras bordadas e chrochês.
RUA PAYSANDU'

PEDIDO.

Osabaixo assigna-
dos resolveram nes-
ta dacta por sua casa
commercial em li-
quidação, por isso pe-
dem aos seus deve-
dores, que venham
satisfazer seus debi-
tos o mais breve pos-
sivel.

**Theresina, 1 de Se-
tembro de 1883.**

**Francisco Bastos &
Irmão.**

**Para a casa de
Joaquim Brasileiro,
Chegarão hontem os
objectos seguintes:**

Chapéos para senhora ultima moda,
Gravatas para senhora,
Botinas para senhora,
Charutos e cigarro brancos,
e muitas outras miudezas de gosto.

—Venhão ver para crer—

A

—RUA PAYSANDU'—N.º 22

Muita atenção!

—João da Cruz & Irmão
vendem bilhetes da 1.ª grande lo-
teria da corte, á favor do fundo de
emancipação.

Prêmio grande 300 contos de reis

A PHARMACIA PEDREIRA

Para cura de asthma.

Cigarros de stramonio
Ditos de canhamo indianno
Papel Giekel—para fumigações—

Bombas para tirar leite
Collares electro-voltaicos e mag-
neticos—

Lancetas finas
Machinas e copos para ven'osas
Siringas de Pravaz—
Fundas simples e duplas

Grande sortimento de tintas, pin-
ceis, breu, alcool, salitre, enxofre,
gomma lacre, lixas, colla, papeis de
cores &.

Preços resumidos, mais barato do
que em qualquer outra parte.

Rua Grande n.º 16.

Theresina—Praça Saraiva—1883.